

Prefácio

René E. Gertz

Sem falsa modéstia, considero-me um dos pioneiros no estudo daquilo que gosto de denominar “história político-cultural” da imigração alemã no sul do Brasil, tendo como campo de pesquisa privilegiado o Rio Grande do Sul. Vindo da Ciência Política, com um viés marcado por um enfoque mais empírico que teórico, constatei que os fatos, os dados (os resultados eleitorais, por exemplo), simplesmente não confirmavam uma convicção quase inânime no senso comum, onde se insistia na ideia de “enquistamento”, querendo caracterizar, com esta palavra, suposto abstencionismo, presumida segregação, enfim não-integração à realidade política brasileira, por parte da população em questão.

Abstraindo de referências puramente ensaísticas – quando, muitas vezes, é destacado o vigor da “raça alemã”, injetado na sociedade brasileira –, havia duas grandes tradições historiográficas, que podem ser classificadas como “cultural” e “socioeconômica”. A primeira centrada na presumida ou efetiva contribuição de imigrantes e descendentes para o fortalecimento de uma ética do trabalho, da ordem, para a implantação da modernidade nas regiões por eles habitadas. A segunda apontando para a contribuição demográfica, a ocupação de regiões de floresta, para onde teriam trazido agricultura diversificada e dinâmica, mas, sobretudo, no médio e no longo prazo, também artesanato, comércio e indústria.

Tentando abrir uma terceira linha de pesquisa, aquilo que fiz, nos meus primeiros estudos, foi mostrar uma realidade política “normal” nas regiões de colonização alemã. A ideia de “normalidade” pretendia qualificar as práticas políticas, nas citadas regiões e entre a referida população, como semelhantes ao padrão brasileiro em geral, com seus aspectos mais e menos edificantes. Em todo caso, minhas pesquisas indicavam que esta população não apresentava índices tão marcantes de comportamento político “desviante” quanto lhe era atribuída no senso comum.

Neste contexto, fui sacudido por uma intervenção nada favorável aos imigrantes, num congresso realizado em 1984, quando o apresentador de [12] um trabalho acusou os “colonos alemães” de destruidores da natureza. O próprio título da comunicação de

Benjamin Barbiaro era desabonador: “A ocupação da terra e a conseqüente agressão ao meio natural: um estudo da área de colonização alemã no RGS de 1824 a 1830”. Eu não tinha conhecimento de trabalhos historiográficos nesta direção. Algum tempo depois, estudos acadêmicos de Sílvio Marcus de Souza Correa e de Juliana Bublitz conferiram status acadêmico a este novo enfoque sobre a imigração/colonização “alemã”, no sul do Brasil.

Fiz uma tentativa de buscar a opinião daquele que, provavelmente, foi o mais conhecido ecologista militante do Brasil, José Lutzenberger, o Lutz. Quando, em 1996, Luís Augusto Fischer e eu projetamos o livro *Nós, os teuto-gaúchos*, editado pela Editora da Universidade/UFRGS, fiz contato com Lutz, convidando-o a escrever pequeno texto abordando os efeitos da “colonização alemã” sobre a natureza. Convidou-me para um chopp, para que lhe fornecesse detalhes sobre o livro e o formato do texto que eu queria. Nesta oportunidade, disse-me que não considerava os “colonos” destruidores da natureza. Infelizmente, porém, acabou não tendo tempo para colocar suas ideias no papel, e o livro ficou sem texto dele.

Eduardo Relly é um historiador que trouxe este tema para um novo patamar – ainda que este não seja o assunto central deste livro. A abertura de “picadas” foi um fenômeno fundamental no processo de atuação sobre a natureza, por parte dos “colonos”. Mas “picada” acabou não sendo apenas uma clareira, uma abertura na mata, um caminho, virou uma realidade sociológica, um fenômeno sociocultural.

Meus próprios estudos, no decorrer do tempo, vieram a trilhar um caminho mais cultural – de forma que parte de minha prática de estudar história política se transformou em história político-cultural. Como continuo sendo mais empírico que teórico, vou dar três exemplos, para tentar clarear que isto significa.

Primeiro exemplo. Antes das eleições de 2002, a imprensa noticiou que na antiga “picada” São José do Herval, hoje município localizado na Encosta da Serra, ao norte de Porto Alegre, não se via qualquer sinal de campanha eleitoral – parecia prova provada da tese do “enquistamento”, do “abstencionismo”, quem sabe, não só da não-brasilidade, mas até da anti-brasilidade. Conferidos os resultados das urnas, os dados duros, os números do TRE, apontaram este município como o de *menor* abstenção eleitoral [13] no estado. Coincidência ou não, em 2003, a ONU classificou este município como o de melhor distribuição de renda do Brasil.

Segundo exemplo. Durante toda a década inicial do século XXI, a antiga *Portugieserschneis*, a Picada dos Portugueses, que atende, atualmente, pelo nome oficial de município de São José do Hortêncio, no vale do rio Caí, apresentou o melhor Índice de Responsabilidade Fiscal, Social e de Gestão entre todos os municípios brasileiros. Significa que este foi o município em que se fez o melhor bem possível, da forma mais equitativa possível, com os recursos existentes. Numa brincadeira séria, afirmei que este é o município mais socialista do Brasil – ainda que muito poucos integrantes da população local devam saber que significa “socialismo”, e muito menos ainda terem ouvido falar de Karl Marx, por exemplo.

Terceiro exemplo. Nas eleições de 2020 foram eleitas 41 mulheres-prefeitas no Rio Grande do Sul. Deste total, 7 foram eleitas na “metade” sul do estado, 34 na “metade” norte. Mesmo que se possa argumentar que a “metade” norte abriga muito mais municípios que a “metade” sul, não há como contestar que, neste aspecto específico, as “picadas” de tradição alemã, italiana e polonesa deram uma contribuição fundamental.

A coisa começou com Iris Ranck, em 1982, na antiga “picada” São Gabriel da Estrela (Cruzeiro do Sul); em 2004, a “picada” Bom Jardim (Ivoti) só teve mulheres como candidatas ao cargo (três ao todo); em 2012, a *Baumschneis*, a Picada dos Baum (Dois Irmãos), elegeu a até hoje única mulher negra para o cargo, neste estado, Tânia Teresinha da Silva, que foi reeleita em 2016, e “emplacou” seu vice como sucessor, em 2020.

Ainda que Eduardo Relly não faça muitas referências ao campo estritamente político, apresenta um estudo detalhado de outra “picada”, a Picada Essig. Enquanto eu lidei com poucos indicadores, e minhas conclusões derivem muito mais de insights que de profunda pesquisa de campo, Relly entra em pormenores. Apresenta uma descrição densa da situação.

Não posso comprometê-lo no sentido de afirmar que ele tenha feito exatamente aquilo que eu propus, mas, de qualquer forma, me sinto “superado” por ele, no sentido em que Max Weber usou esta expressão – o progresso da ciência traz consigo exatamente este fenômeno de superação das velhas gerações de pesquisadores por estudos mais novos, mais profundos. Este é um fenômeno inerente à ciência, um fenômeno que está no centro do progresso científico. [14]

Relly é extremamente cuidadoso e autocrítico. Mesmo assim, quero terminar estas poucas palavras introdutórias com uma consideração “crítica”, com um questionamento.

Certamente influenciado pelo clima intelectual de nosso tempo, apresenta dúvidas ao olhar para trás, mas parece não muito preocupado em olhar para frente.

Explico-me. Apesar do cuidado em suas formulações, transparece um tipo de preocupação com o mundo que a “colonização alemã” destruiu. Nada mais justo e necessário. Sou, porém, de opinião que esta perspectiva, muitas vezes, desemboca numa complicada forma de autoflagelação. Em relação a isso, compete observar que o suposto ou efetivo mundo edílico que havia por aqui, antes do ano 1500, começou a ser destruído pelos portugueses, teve a contribuição de gente provinda de vários outros povos; os alemães, claro, deram sua contribuição nesta destruição, mas vieram só mais de 300 anos depois do início deste processo. E quando vieram, sua ação não beneficiou apenas a eles próprios. Mas, sobretudo, escrevi recentemente que tentar restaurar este mundo representa uma utopia no pior sentido da palavra, pois constitui um devaneio messiânico.

Naquilo que tange a um olhar para frente, qual é o futuro das “picadas”? Com certeza, alguns elementos derivados da condição de “picada” sobreviverão, talvez mudando um pouco seu viés. Mas não há dúvida de que as “picadas” estão sofrendo transformações que justificam perguntar por seu futuro. Ao menos nas “picadas” de tradição alemã, a língua foi uma característica não desprezível. Apesar da “nacionalização” promovida durante o Estado Novo (1937-1945), a língua alemã (em geral, algum dialeto) não foi erradicada, e o pós-guerra trouxe consigo um upgrade, na forma do bilinguismo, que passou a reinar. Mesmo que seja apenas um insight, parece que aquilo que o regime ditatorial varguista não conseguiu destruir, as “redes sociais” estão conseguindo aniquilar.

Este “abrasileiramento” chegou ao ponto de haver um movimento que propõe substituir a denominação Picada Essig por Picada Vinagre. O cultivo de músicas típicas da tradição cultural da população está recuando, para dar lugar a horripilantes sons internacionais, que não são mais que um ensurdecedor bumba, sem pátria nem tradição cultural, emitidos a milhares de decibéis.

Mas não apenas o “abrasileiramento”, neste sentido, deve ser referido. Em função de seu caráter moderno, as “picadas” estão se “mundializando”, [15] se “globalizando”. Em vez de considerações abstratas, mais uma vez um exemplo prático, ilustrativo. Tempos atrás, fomos a uma festa numa igreja luterana de uma “picada”. Não conhecíamos ninguém ali, mas na hora do almoço entabulamos conversa com três mulheres que foram

nossas vizinhas na mesa. Como tivessem manifestado interesse sobre nós e nossa família, retribuímos, perguntando sobre as famílias delas. Uma tem um filho que fez doutorado em Física Interplanetária (ou algo assim) no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), e trabalha no projeto de viagem a Marte da NASA; a outra tem um filho que fez doutorado em Direito em Princeton, e dirige um Alto Comissariado da ONU; a terceira tem uma filha que se doutorou em Economia na *London School of Economics*, e dirige um departamento do Banco Central do Brasil.

Naturalmente, nem todos os habitantes das “picadas” possuem um background familiar que lhes possibilitasse seguir um caminho igual ou semelhante, mas o tipo de produção moderna que, muitas vezes, se pratica ali resulta na inserção num mercado “globalizado”, com suas consequências.

Mesmo que eu tenha saído da leitura com a dúvida sobre a opinião do autor quanto ao futuro das “picadas”, não significa que sua potencialidade não seja muito grande. Ninguém duvida que é melhor terminar a leitura de um livro com algumas dúvidas, do que terminá-lo sem qualquer dúvida. No primeiro caso, estamos diante de um desafio; no segundo, estamos diante de um potencial perigo proporcionado por um “pensamento único”.

Boa leitura a todos!